

A TRÍPLICE FRONTEIRA COMO CENTRO DO MAHJAR ÁRABE E O ENSINO DE PORTUGUÊS NO ACOLHIMENTO DE REFUGIADOS E IMIGRANTES

Raquel Santos Henrique*

RESUMO

A imigração árabe-muçulmana na região da Tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina tem sido objeto de pesquisas e estudos acadêmicos, dado a notoriedade da presença deste grupo no local, e as interações sociais que ocorrem a partir disso. O presente artigo traz alguns dados acerca desta presença, bem como aborda a questão dos refugiados que são parte desse grupo. Apresenta também um projeto de acolhida de imigrantes árabes realizado na cidade de Foz do Iguaçu, trazendo os resultados de uma pesquisa de campo e entrevistas realizadas com os participantes do projeto, que oferece aulas de português e suporte de tradução árabe-português gratuito para os recém-chegados.

PALAVRAS-CHAVE

Imigração, árabes, muçulmanos, refugiados, Tríplice Fronteira, aprendizado de idioma.

INTRODUÇÃO

Ainda recordo vividamente do primeiro contato com os árabes, em setembro de 2014, quando estava grávida de quase nove meses. O encontro que preparamos com os sírios que buscavam refúgio no nosso Estado, o Espírito Santo, foi agendado considerando-se o calendário da gestação. Eu desejava estar presente e conduzir em inglês a reunião, que seria traduzida simultaneamente para o português e o árabe. As histórias daquele grupo de imigrantes de aproximadamente 30 pessoas que chegavam de sua fuga da guerra¹, deixaram marcas profundas em mim.

Na ocasião, como mãe de uma menina de três anos (que interagiu naturalmente com as crianças sírias, mesmo sem compreender seu idioma) e prestes a ter outra filha, ouvir que as crianças refugiadas e alguns adultos gritavam no meio da noite e acordavam assustados dizendo ouvir o estouro de bombas, moveu meu coração à ação. Dois anos e meio depois, nossa família desembarcava no Oriente Médio com a intenção de visitar campos de refugiados *in loco* no Líbano. Infelizmente, a complicação decorrente da guerra na região nos permitiu somente

* Mestranda do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-Americanos pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Formada em Jornalismo e em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo. Atualmente trabalha num programa de acolhida de imigrantes árabes e leciona português para árabes imigrantes e refugiados em Foz do Iguaçu.

¹ A Guerra da Síria a que me refiro iniciou-se em 2011, envolvendo múltiplos fatores e atores, como o grupo terrorista ISIS (Estado Islâmico do Iraque e Síria), o governo de Bashar al-Assad, os “rebeldes” sírios etc., que provocaram o deslocamento de aproximadamente 13 milhões de sírios, 6 milhões destes para fora do país.

avistar os campos de fora, e chegar a 14km da fronteira com a Síria, na cidade de Baalbek/Líbano.

Mas a experiência da viagem me conectou ainda mais com o “povo daquela terra”, e voltamos de lá com um convite para atuar com ensino de inglês para crianças em campos de refugiados em projetos assistenciais mantidos pelo Sínodo Presbiteriano da Síria e do Líbano. O que eu não sabia na ocasião era que esse mesmo “povo daquela terra” estava tão presente e bem representado na minha própria nação.

De fato, a população libanesa no Brasil é maior que a população do Líbano! São quase 12 milhões de libaneses e descendentes em território brasileiro, ao passo que a população do Líbano é de pouco mais de 7 milhões de habitantes (incluindo os vizinhos imigrantes não libaneses que lá residem), o que faz com que nosso país concentre a maior população libanesa no mundo. Já quanto aos sírios, eles representavam o maior grupo de solicitantes de refúgio no Brasil até 2016, quando o agravamento da crise na Venezuela fez os nossos vizinhos latinos assumirem o primeiro lugar no ranking desde então.

No Brasil, a concentração maior de sírios se dá no Estado de São Paulo, e na região da Tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina². Na cidade de Foz do Iguaçu, no Paraná, a comunidade árabe representa quase 10% da população local, oriunda de diversas nacionalidades. Todo esse contingente é identificado como “árabe” por partilhar do mesmo idioma e majoritariamente da mesma fé: o islã.

Neste artigo, vamos abordar resumidamente a trajetória de formação dessa comunidade árabe na Tríplice Fronteira, com o intuito de compreendermos porque a cidade de Foz do Iguaçu se tornou o *mahjar*³ brasileiro, principal centro de concentração da diáspora árabe. Uma breve revisão de literatura acadêmica e material jornalístico recente sobre o tema nos auxiliou nesse aspecto⁴. Traremos dados atualizados da presença árabe, manifesta em seus espaços de representação culturais, religiosos, comerciais e afins. Abordaremos também a questão da presença dos refugiados, e o fato de Foz⁵ ter sido destaque no *1º Relatório Cidades Solidárias Brasil*, publicado pela ACNUR, a Agência da ONU para refugiados.

Por fim, vamos apresentar o resultado das entrevistas realizadas com os fundadores e alunos de um projeto social que trabalha com acolhida de imigrantes e refugiados árabes, oferecendo aulas de português para adultos e alfabetização em árabe para as crianças, além de suporte na retirada de documentação brasileira e

² Toda vez o termo “Tríplice Fronteira” é mencionado neste artigo, refere-se à fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina, focando-se particularmente nas cidades de Foz do Iguaçu/PR (BR) e Ciudad del Este (PY).

³ A expressão *mahjar* é usada pelos árabes para referir-se ao “destino dos imigrantes árabes”, ao local onde vivem fora de sua nação. É também usado como sinônimo de “diáspora árabe”.

⁴ Todas as pesquisas feitas no Google que se referem-se a *dados numéricos* ligados à comunidade árabe da Tríplice Fronteira foram realizadas com a ferramenta “pesquisar por data” habilitada, e todos os resultados utilizados são posteriores a 2017.

⁵ A partir daqui usaremos apenas “Foz” para denominar a cidade, como habitualmente o fazem seus moradores.

acompanhamento em consultas e exames médicos para os alunos que ainda não dominam o português.

TRANSCULTURAÇÃO, HIBRIDISMO CULTURAL E ÂMBITOS TRANSFRONTEIRIÇOS: REFLEXOS DA MIGRAÇÃO E VIDA NA FRONTEIRA NA POPULAÇÃO ÁRABE

Fernando Ortiz (1987) acredita que o melhor vocábulo que expressa o processo transitivo de um indivíduo de uma cultura a outra é *transculturación*, que define como

la pérdida o desarraigo de una cultura precedente, lo que pudiera decirse una parcial desculturación, y, además, significa la consiguiente creación de nuevos fenómenos culturales que pudieran denominarse de neoculturación. Al fin, como bien sostiene la escuela de Malinowski, en todo abrazo de culturas sucede lo que en la cópula genética de los individuos: la criatura siempre tiene algo de ambos progenitores, pero también siempre es distinta de cada uno de los dos. En conjunto, el proceso es una transculturación, y este vocablo comprende todas las fases de su parábola (p. 96,97).

Nesse caso, pensando nos migrantes que vivem na Fronteira, é possível dizer que ao mesmo tempo em que estes indivíduos *experimentam* mudanças frente à sua cultura originária, eles também *provocam* mudanças na matriz da cultura receptora. No caso da Tríplice Fronteira, os árabes trazem consigo suas próprias culturas regionais relativas aos seus países de origem, seus alimentos, suas vestimentas, músicas, língua, costumes, superstições (como facilmente se verifica na presença de um amuleto tradicional árabe em seus estabelecimentos comerciais – um círculo azul conhecido como “olho grego”), suas ideias e crenças. Ortiz salienta que este “es un proceso en el cual ambas partes de la ecuación resultan modificadas. Un proceso en el cual emerge una nueva realidad, compuesta y compleja.” (1987, p.4).

Valenzuela (2014) vai apresentar o conceito de *âmbitos transfronteiriços* para se referir aos processos vivenciados pela população socializada em campos e hábitos transfronteiriços. Ele aponta que “en la frontera se conforman múltiples campos de intersección cultural referidos al conjunto de elementos culturales compartidos por grupos que poseen matrices culturales diferentes”, e acredita que esses convívios pluriculturais

“activan procesos de traducción cultural producidos desde interpretaciones más o menos logradas en función del nivel de conocimiento y empatía com los códigos culturales de *los otros*. En la frontera, se densifican los procesos de traducción y cambio de códigos culturales que hacen pasar de un lugar a otro, transporta la experiencia, cargan y se cargan de sentido en los nuevos contextos. [...] La relación de frontera establece un constante proceso de representación entre los miembros de los diferentes grupos” (2014, p.30).

Kroeber (1963) desenvolveu o conceito de *hibridismo cultural*, destacando a existência de culturas híbridas em toda situação onde exista contato intercultural, uma vez que, segundo o autor, as culturas tendem a compartilhar características, “*al mismo tiempo que cada una busca generar o significar sus particularidades; por ello, culturas divergentes que interactúan, siempre poseen hibridaciones*” (apud Valenzuela, 2014, p.31). Também citado por Valenzuela, García-Canclini (1990) diz que a noção de *hibridação* é uma noção descritiva, que permite

“describir procesos múltiples de fusión, que pueden ser sincretismos religiosos, mestizajes étnicos, fusiones musicales, culturales, etcétera” (p.32).

A alimentação é um bom exemplo desse hibridismo. Qual não foi minha frustração ao saber que não se encontram esfihas como as das lanchonetes brasileiras no Líbano! E os comerciantes de *Beirute* não fazem ideia de qual seja o sanduíche de mesmo nome que encontramos nos restaurantes árabes no Brasil. Por aqui, os imigrantes fizeram as adequações necessárias para agradar ao paladar dos brasileiros, preservando algo de original e mesclando com ingredientes e formas de apresentação dos lanches daqui; o que resultou num hibridismo gastronômico desenvolvido por esse agora “*individuo mesclado*”, para usar o termo de Haesbaert.

O autor vai acrescentar a esse debate o argumento de que o indivíduo híbrido é aquele que provém do cruzamento de culturas diferentes, composto por elementos de origens diversas. Segundo Haesbaert (2009), a situação de migrantes acaba sempre construindo *identidades híbridas*, já que, a medida em que os indivíduos passam a pertencer a dois mundos ao mesmo tempo, eles procuram manter, conflituosamente, suas raízes, suas tradições e a memória que os liga a seu território de origem. Por outro lado, “são impelidos a novos diálogos pela necessidade de reconstruírem suas identidades em meio aos novos territórios e culturas com as quais passam a ter contatos cotidianos” (p.4).

Ao citar Latour (1996), Haesbaert destaca que pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal retêm fortes vínculos com seu lugar de origem e tradições, mas sem a “ilusão de retorno ao passado”. Na nova terra, elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente a sua identidade; e “devem aprender a habitar no mínimo duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e negociar entre elas” (Latour, 1996, apud Haesbaert, p.4).

Giménez (2007) também apresenta sua perspectiva sobre culturas fronteiriças, argumentando que

“Lo que observamos en primera instancia en la frontera no es el caleidoscopio de las ‘culturas híbridas’, como parecería a primera vista, sino la copresencia de múltiples culturas y la multiplicación de los contactos interculturales que no implican por sí mismas y necesariamente contagio cultural recíproco (aculturación o asimilación), [...] ni mucho menos alteración o mixtión de identidades [...] sino a lo más la copresencia y agregación de individuos y grupos portadores de diferentes culturas, relacionados entre sí fundamentalmente en términos simbiótico-instrumentales y recíprocamente ‘aculturados’ al nivel de las ‘áreas de movilidad’ de sus respectivas culturas, sin detrimento de su identidad profunda” (Giménez, 2007, apud Valenzuela, 2014, p.34).

Pois foi nesse movimento de simbiose contínua e mutuamente ressignificante que as culturas árabe, brasileira e paraguaia se viram desde a chegada dos primeiros migrantes árabes à região da Tríplice Fronteira.

PRESENÇA ÁRABE EM FOZ: DOS PRIMEIROS IMIGRANTES À ATUAL CONFIGURAÇÃO DO TERRITÓRIO

Os registros históricos dão conta de que desde a chegada dos portugueses ao Brasil em 1500 os árabes estão no país. Na década de 1920 veio o primeiro fluxo mais recente de imigrantes libaneses e sírios, inicialmente em direção a São Paulo e depois ao Paraná. De acordo com Cardozo (2004), de todas as etnias presentes em Foz do Iguaçu, a árabe (em sua maioria composta por libaneses e sírios) foi das primeiras a chegar na cidade, com os primeiros fluxos migratórios ocorrendo por volta de 1940, seguido de outros mais recentes. Fato é que, segundo a autora, independente da antiguidade na cidade ou do número do seu contingente, todas as etnias “contribuem com a cultura local, quer na sua arquitetura e gastronomia, quer em outras manifestações culturais de ordem material ou imaterial” (p.3).

O cientista social e professor da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) Juan Agullo Fernandez, reitera que a comunidade árabe em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este é formada basicamente por sírios, palestinos e, em sua maioria, libaneses. E acrescenta que os libaneses têm experiências em fronteiras porque identificam essas regiões como proveitosas em termos comerciais. Fernandez aponta que essa comunidade aumentou significativamente nos anos 1980 e 1990, devido à construção da usina de Itaipu e como consequência da guerra civil que provocou o êxodo de seu país. Outros autores reconhecem ainda outro fator que impulsionou esse fluxo de migração: o comércio paraguaio em Ciudad del Este, do qual muitos árabes foram pioneiros (e ainda hoje dividem protagonismo com os chineses). Segundo Silva (2021), no lado paraguaio da fronteira, as primeiras famílias árabes chegaram na década de 1960 vindas de outras cidades paraguaias, sendo elas responsáveis por estabelecer as primeiras lojas e galerias comerciais da cidade.

Citado por Cardozo, Lesser (2001) fala da imigração árabe no Brasil dizendo que

“No século XIX, grandes números de imigrantes, tanto do Levante (Mashriq) como do Norte da África de línguas francesa e espanhola (Magreb), passaram a transformar o Brasil num dos centros do *mahjar* (literalmente, “países de emigração”, mas usado para significar a “diáspora” árabe). Ao contrário das levas de imigrantes italianos, espanhóis e portugueses, tão ativamente buscadas pelos que tentavam mudar a composição social do Brasil, os sírios e libaneses vieram por conta própria, e sem alarde” (Lesser 2001, p. 92, apud CARDOZO, 2004, p.3).

Ao que parece, o novo lar dos imigrantes atraiu um número ainda maior de seus patrícios. Atualmente, das mais de 80 nacionalidades com representantes em Foz, a presença árabe é a mais significativa, contando hoje com uma comunidade de aproximadamente 25 mil habitantes, o que equivale a quase 10% dos 260 mil moradores do município, segundo dados da Prefeitura e estimativas do IBGE.

A comunidade árabe-muçulmana da região tem demarcado seu espaço de representação, e os adeptos da religião islâmica (a principal professada pelos árabes) tem grande concentração por aqui. De acordo com a Federação das Associações Muçulmanas – Fambras, o Brasil possui hoje 110 entidades muçulmanas ativas e a estimativa de 800 mil a 1,2 milhões de adeptos do islã. Ainda segundo a Fambras, a maior comunidade islâmica do Brasil em termos percentuais fica em Foz do Iguaçu; e em números absolutos, fica atrás apenas de São Paulo.

Segundo Carloto (2013), a comunidade islâmica de Foz é formada somente por árabes e seus descendentes; diferentemente de São Paulo, onde há grande número de brasileiros convertidos ao islã que não são de descendência árabe.

Contudo, é importante fazermos um parêntese. Vale ressaltar que *islã* e *árabe* não são sinônimos, e essa diferenciação é necessária. Há cristãos árabes – como os maronitas do Líbano, os coptas do Egito, os assírios do Iraque ou mesmo os ortodoxos da Turquia, entre tantos outros. E há muçulmanos que não são árabes, como os indonésios, que hoje vivem na maior nação islâmica do mundo em número de fiéis, e que está localizada no sudeste asiático, fora do eixo geográfico central do mundo árabe⁶. A expressão *Dar al-Islam* (“Casa do Islã” em árabe) é o nome que os seguidores de Maomé (ou *Mohammed*, em árabe), fundador do islã, dão ao “império religioso invisível” que vai da África Ocidental ao arquipélago indonésio, composto por 49 nações e 1,9 bilhão de muçulmanos (Garrison, 2016). Assim, segundo Hussein (1996), “o termo ‘árabe’ refere-se à cultura da região denominada mundo árabe, ou seja, aquela em que o idioma árabe é a língua oficial. [...] Já o termo ‘islam’ refere-se a religião muçulmana” (apud CARDOZO, 2004, p.3).

No quesito ocupação do território e presença de instituições árabes e/ou islâmicas em Foz do Iguaçu, Carloto e Gil Filho (2013) destacam que

“a principal territorialidade dos árabe-muçulmanos na cidade de Foz do Iguaçu-PR é a Mesquita. Esta é a maior referência e representação da comunidade, assim como o Centro Cultural Beneficente Islâmico. Mesmo no comércio, que é uma territorialidade mais ligada com a cultura árabe do que com a religião, esta também é muito presente, uma vez que em todos os comércios de gastronomia e de alimentação, no qual os proprietários são muçulmanos, há a presença das leis religiosas nesses estabelecimentos. Desta maneira não há sequer a comercialização de carne de suínos e nem de bebidas alcoólicas. [...] Estas imposições que constam no Islamismo são respeitadas nessas territorialidades, e até mesmo transformam e influenciam outras territorialidades, uma vez que diversos abatedouros de animais, que são propriedades de não muçulmanos, seguem o ritual islâmico para conseguirem vender seus produtos nos comércios dos muçulmanos” (pág.8).

Os autores salientam ainda a presença do cemitério islâmico na cidade, que está localizado dentro do cemitério municipal, mas tem seu espaço reservado e seus túmulos direcionados para Meca, na Arábia Saudita, local mais sagrado para os muçulmanos e centro mundial do islã. Cardozo (2004) relata que a comunidade árabe local foi constituindo suas estruturas sociais, criando entidades representativas de sua cultura, religião e interesses. Tanto a autora, quanto Silva (2021) e Pimentel (2017) mencionam a presença de 14 instituições de interesses árabes e/ou islâmicos na região da Tríplice Fronteira. Atualmente temos 15 (fora os

⁶ A Indonésia tem 255 milhões de habitantes, dos quais 225 milhões se declaram muçulmanos. Depois, em ordem decrescente, temos Paquistão com cerca de 174 milhões; Índia com 161 milhões e Bangladesh com cerca de 145 milhões de muçulmanos. Isso é muito mais do que a população inteira de países do Oriente Médio, considerando que os mais populosos dessa região são a Turquia e o Irã, com aproximadamente 80 milhões de habitantes cada.

diversos comércios e restaurantes), mas com algumas mudanças em relação às listagens referenciadas⁷. São elas:

- **Em Foz do Iguaçu:** Mesquita Omar Ibn Al-Khatab (de linha sunita); 2) Centro Cultural Beneficente Islâmico; 3) Mesquita Imam Al-Khomeini (de linha xiita, funciona nas dependências da Sociedade Beneficente Islâmica e não é aberta ao público); 4) Sociedade Beneficente Islâmica (SBI); 5) Associação Senhora de Fátima (também nas dependências da SBI); 6) Clube União Árabe; 7) Escola Libanesa Brasileira; 8) Lar dos Drusos Brasileiros; 9) Associação Beneficente Árabe Brasil; 10) Associação Cultural Sírio Brasileira; 11) Associação Árabe Palestina Brasil; 12) Grupo Escoteiro Libano Brasileiro.
- **Em Ciudad del Este (Paraguai):** 13) Mesquita Alkhaulafa Al-Rashdeen (também conhecida como Mesquita Del Este, sunita); 14) Mesquita Profeta Mohammed (xiita); 15) Mesquita Maluma Baby (também conhecida como Mesquita Bangladesh, é a dos bengalis do sudeste asiático).

Além de locais físicos, há elementos simbólicos que se mantiveram intactos, a despeito do processo de transculturação pelo qual a comunidade árabe passou (e passa) com a migração. Como observam Carlotto e Gil Filho (2013, p.4), temos “*as vestimentas bastante identificáveis nas mulheres islâmicas*”, o idioma árabe, que é mantido e valorizado por toda essa população e observável nas placas de propaganda e apresentação dos comércios, nas associações, na escola, na Mesquita, no cemitério, nos clubes e etc., e a alimentação *halal*, palavra árabe que significa *lícito, permitido*. *Halal* é um conceito que permeia não só a alimentação como também o uso de produtos cosméticos e farmacêuticos, e norteia todos os usos e costumes dos muçulmanos em todo o mundo. Seu oposto é o termo *haran*, aquilo que é ilícito, não permitido para os seguidores do islã.

Com efeito, a produção e o comércio de alimento *halal* modificou a paisagem de diversas cidades do Paraná, aglutinando comunidades árabes que para cá vieram a fim de trabalharem em grandes abatedouros de carnes e frangos desde que as exportações de carne *halal* do Brasil para os árabes começou, em 1977. O rito islâmico de abate inclui matar os animais com sua face voltada para Meca, o uso de método de corte por lâmina no pescoço, indolor, o escoamento de todo o sangue e a inspeção de abate feita por muçulmanos – o que os faz cada vez mais presentes nas cidades cuja economia depende disso.

E o empenho brasileiro em alcançar o mercado árabe-islâmico com seus potenciais 1,9 bilhões de consumidores, fez do Brasil o maior exportador de *frango halal* para os países árabes-muçulmanos. Segundo a Câmara de Comércio

⁷ A Igreja Evangélica Árabe do Brasil, mencionada pelos autores, não funciona mais; assim como a Escola Árabe Brasileira (de linha sunita), que encerrou suas atividades em dezembro de 2019. Acrescentamos à lista três instituições que não constam dos autores citados, mas funcionam na cidade de Foz do Iguaçu: a Mesquita xiita, que se reúne nas dependências da Sociedade Beneficente Islâmica (SBI) e não é aberta ao público; o Grupo Escoteiro Libano Brasileiro; e a Associação Senhora Fátima (associação feminina islâmica também anexa à SBI).

Árabe-Brasileira, o Estado do Paraná é o maior exportador de *carne halal* do mundo, com 31 frigoríficos habilitados, entre eles a unidade da BRF em Dois Vizinhos, que é a maior do Brasil em abates por esse sistema. Ao que tudo indica, o estado continuará a ter importante papel na alimentação diária dos muçulmanos de todo o planeta.

Segundo Pimentel (2017), ainda que as entidades árabes presentes na região da Tríplice Fronteira pertençam a diferentes setores e interesses da comunidade, e tenham culturas organizacionais e modos de operar distintos, elas não perderam de vista um dos seus principais focos: a reprodução da cultura árabe, seja por meio da preservação do idioma, religião, manutenção de valores e tradições alimentares, entre outros elementos culturais. Citado pelo autor, Domingues (2013) salienta que a comunidade árabe de Foz do Iguaçu é participativa no cotidiano do município, pois além de se fazer fortemente presente no comércio em geral, participa da “*Feira das Nações, Artesanato, Turismo e Cultura*”, onde evidencia suas tradições e costumes através de suas vestimentas, danças, gastronomia e demais aspectos ligados à sua cultura. E conclui dizendo que

“Foz do Iguaçu é uma localidade onde se pode vivenciar a presença sociocultural árabe de forma explícita, principalmente na área central da cidade, onde facilmente encontram-se pessoas com vestimentas tradicionais árabes, mercado típico, lojas de roupas e utensílios árabes e diversos equipamentos gastronômicos especializados em comida típica árabe, os quais comercializam *esfihas, shawarmas, beirutes, falafels, kaftas* e outros pratos e iguarias, o que certamente ratifica a visualização destes produtos como parte da oferta comercial e turística de Foz do Iguaçu” (apud Pimentel, p.94,95).

A QUESTÃO DOS REFUGIADOS E OS RELATOS DE QUEM VIVEU EM MEIO À GUERRA

Em 2023, o mundo atingiu um número recorde e sem precedentes de deslocados: 110 milhões de pessoas foram obrigadas a deixar seu lar, seja por guerras, perseguições ou para fugir de violações de direitos humanos. Proporcionalmente, 1 em cada 74 pessoas do planeta está nessa condição; e desse grupo, 35,3 milhões são considerados refugiados. Entre eles estão Estevão e sua esposa Esther⁸, que se viram obrigados a deixar a Síria com toda sua família em 2013, após sete meses vivendo em meio à guerra provocada pela invasão do Estado Islâmico à sua cidade natal. Eles relembram os bombardeios diários e contam que toda a população local tinha a impressão de que “*o mundo inteiro estava em guerra*”.

“Foi horrível. Viver na guerra deixa a gente sem esperança. A vida para. Não se sabe quando vai morrer. Os ataques de avião eram todo dia sobre o prédio e o bairro, a gente via cair bomba TODO dia. Eu enterrei amigos, lavei corpos de amigos mortos... Mas quando o ISIS⁹ chegou na nossa cidade foi a gota d’água” (Estevão).

⁸ Por questões de privacidade os entrevistados preferiram que seus nomes não fossem divulgados. Assim, optamos por utilizar pseudônimos ao mencionar as falas originais de cada um dos entrevistados para esse artigo.

⁹ ISIS é a sigla em inglês para “*Islamic State of Iraq and Syria*”, como o grupo terrorista Estado Islâmico é conhecido no Ocidente. E “*Daesh*” é a sigla em árabe, de mesma tradução, e é como o grupo se autodenomina.

O casal contou que antes da Guerra a vida era estável. Uma consulta médica, por exemplo, custava 10 dólares, era muito acessível. Depois que os conflitos começaram, a situação deteriorou-se de tal maneira que os serviços mais básicos, como energia elétrica, abastecimento de água e internet, deixaram de funcionar. Os alimentos não faltaram, segundo Estevão, porque eles sabiam como e onde buscar, mas por muito tempo as pessoas pegaram água nos rios e ferveram para poder beber. E foi a sensação de que morreriam ali de qualquer jeito, que encorajou a família inteira a fugir do país, o que não deu certo na primeira tentativa, mas seguiram até conseguir.

“A saída é complexa. Você passa por montanhas, esgotos, e ainda tem que contar com a simpatia dos guardas do país vizinho, que querem propina pra deixar a gente entrar. Os atravessadores são uma máfia organizada. Cobram caro e enganam a gente em troca de dinheiro. Há estupros, tiros dos guardas da fronteira... A gente tem que dar remédio para as crianças dormirem e não chorar, porque é perigoso” (Estevão).

Lamentavelmente, eles não foram os únicos a passar por essa situação. Os mais de seis milhões de sírios que fugiram dos conflitos em seu país constituem o maior grupo de refugiados do mundo, e foram também o principal grupo a buscar refúgio no Brasil até 2014. Os afegãos ocupavam o segundo lugar, e de 2016 para cá os venezuelanos estão no topo do ranking.

Desde 2016, a população de refugiados no Brasil sextuplicou¹⁰, e segundo a ACNUR Brasil, ao final de 2022 havia 65.840 pessoas reconhecidas oficialmente como refugiados no país. No entanto, desde 2011, foram protocoladas 348.067 solicitações de refúgio, provenientes de 139 países. 82% destes pedidos vem de pessoas que tem até 39 anos de idade – uma idade produtiva, e que demanda uma inserção no mercado de trabalho. Segundo a Prefeitura de Foz do Iguaçu, os dados do CadÚnico (cadastro único para programas sociais do Governo Federal) apontam cerca de 4.500 refugiados e migrantes cadastrados só nesse sistema no município.

As políticas públicas da cidade para as pessoas refugiadas e migrantes foram destaque no *1º Relatório Cidades Solidárias Brasil*¹¹ publicado em 2022. E a presença de representantes da comunidade árabe na Câmara Municipal contribui para isso. Foz tem a *primeira vereadora muçulmana e de origem árabe do Brasil e da América Latina*, a advogada Anice Nagib Gazzouli, de origem libanesa, que já está no seu terceiro mandato. A Câmara também instituiu o dia 12 de maio como o *Dia Municipal do Povo Muçulmano*, e a cada ano há sessões especiais de homenagens aos representantes dessa comunidade, bem como ações promovidas pelas organizações árabes daqui. No país, o projeto de lei 4.702/04 do Senado Federal, definiu 25 de março como *Dia Nacional da Comunidade Árabe*.

O Brasil tem sido mundialmente reconhecido por abrir as portas aos refugiados, com leis que facilitam a nacionalização e a concessão dos direitos

¹⁰ O aumento exponencial se deu particularmente em função migração mais intensa de venezuelanos na fronteira com Roraima, no norte do Brasil.

¹¹ O documento pode ser acessado pelo link: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2022/05/Relatorio-Cidades-Solidarias-Brasil.pdf>

básicos aos cidadãos de outras nações. Ainda assim, falta estrutura para recebê-los, particularmente no que tange à inserção no mercado de trabalho – questão que aflige igualmente a muitos brasileiros. De acordo com Rojas (2021), além do visto, o governo brasileiro garante direitos básicos com o CPF, como acesso à saúde e educação (com o uso do SUS e matrículas na rede pública de educação), mas não possui políticas de integração, não fornece auxílio financeiro ou de moradia, não cria condições para que as pessoas consigam atuar em suas áreas de especialização e não auxiliam no aprendizado da língua local. *“Todas essas são questões para as quais os refugiados não possuem assistência de governo e precisam resolver por si mesmos ou recorrer a entidades não governamentais, quando as há, para auxiliá-los nestes âmbitos”* (p.84). Conforme o relato de Estevão,

“Muitos países da Europa oferecem casa, escola, curso de idiomas e salário até você arrumar trabalho. No Brasil, precisa de força de vontade; é difícil começar sozinho, do zero. Mas aqui os árabes são mais bem-recebidos. A cultura brasileira parece mais com a árabe do que a europeia. E aqui é bem mais fácil e rápido solicitar a naturalização. Na Alemanha é só depois de um ano e meio, e na Dinamarca, por exemplo, só depois de 18 anos é que te dão o documento de cidadania. Sei disso porque tenho parentes lá”.

Ainda segundo Rojas, as pessoas que vêm para o Brasil são em sua maioria aquelas que possuíam algum recurso financeiro para arcar com os custos da viagem e da automanutenção por um tempo. Assim, parte significativa dos sírios solicitantes de refúgio que chegam ao Brasil tinham certa estabilidade financeira na Síria, o que acaba se perdendo quase sempre ao desembarcarem por aqui, já que o país não reconhece seus estudos nem experiências de trabalho anteriores, dificultando a entrada no mercado de trabalho brasileiro. Para Santos e Dutra (2020), a maioria dos refugiados sírios tinha uma ocupação estável em seu país antes da guerra, e quase todos possuíam nível educacional superior. Mas quando chegam aqui, acabam se vendo quase sem alternativas.

“Inserir-se na culinária acaba sendo a forma mais rápida de acesso a uma renda e de iniciar, de fato, uma nova vida no Brasil, já que, de acordo com o presidente do Instituto Adus, ONG de acolhimento a refugiados com atuação desde 2010, Marcelo Haydu, grande parte dos refugiados têm alto nível educacional e dominam vários idiomas, mas possuem dificuldade em validar o diploma e se inserir em suas áreas de formação” (SANTOS e DUTRA, apud ROJAS, 2021:85,86).

Isso se confirma pelo relato de Estevão e Esther, ambos formados em pedagogia na Síria:

“A gente joga fora o diploma quando chega aqui. O governo nos pede documentos da Síria para validar, que a gente não tem como providenciar. Ainda tem que fazer tradução juramentada, que é caro, prova de revalida... Um ou outro anima de fazer todo esse processo, e mesmo assim só quem tem como conseguir os documentos na Síria, e depois não tem garantia de trabalho. Não vale a pena”.

Segundo a ACNUR, dos 495 pedidos de revalidação de diploma feitos pelos refugiados no Brasil, 162 foram deferidos, o que equivale a pouco mais de 30%. Os outros quase 70% (fora os demais que nem animam a passar pela burocracia na tentativa de reconhecimento do diploma) acabam trabalhando por conta própria, e

grande parte monta o seu próprio negócio, normalmente no ramo da culinária árabe ou, no caso particular da Tríplice Fronteira, com comércios em Ciudad del Este.

A alocação no mercado de trabalho é apenas uma entre as dificuldades de criação e execução de políticas públicas dirigidas a refugiados e imigrantes. Ainda assim, a busca pelo Brasil como destino continua em ascensão, pelo fato do nosso país ter fama de boa hospitalidade, que se mostra pela possibilidade de solicitar refúgio em qualquer consulado brasileiro no mundo (ROJAS, 2021, p.89).

QUANDO DOR E COMPAIXÃO LEVAM À AÇÃO: ACOLHENDO OS ÁRABES DA TRÍPLICE FRONTEIRA COM EDUCAÇÃO E SUPORTE NA RETIRADA DE DOCUMENTAÇÃO

A experiência com a guerra e a migração vivida por Estevão e Esther, que chegaram ao Brasil sem falar uma palavra em português, levou-os a fundar um projeto que acolhe os imigrantes e refugiados árabes oferecendo aulas de português gratuitas (principalmente para adultos) e alfabetização em árabe para crianças, para que elas aprendam a ler e escrever na sua língua materna. O casal reconhece que é muito difícil se estruturar aqui sem falar o idioma local e por isso têm dado suporte aos seus conterrâneos com uma equipe de professores brasileiros voluntários que oferecem aulas semanalmente nas dependências de uma igreja cristã de Foz. O projeto oferece certificado validado pelo MEC numa parceria com uma universidade privada do Paraná, que é aceito pela Polícia Federal e outros órgãos para fins de retirada de documentação de cidadania e naturalização.

Em 2023 o projeto teve 73 alunos matriculados, vindos da Síria, Líbano, Jordânia, Palestina, Marrocos e Egito. Parte do grupo era composto por crianças que os pais levaram para serem alfabetizadas no seu próprio idioma de fala. Entre os adultos, a maioria são mulheres. Elas buscam mais as aulas do que os homens porque geralmente ficam mais tempo em casa do que eles, e com menos interações em português acabam demorando mais para aprenderem a língua.

Além das aulas, Estevão e Esther também oferecem gratuitamente suporte na tradução e nos processos de retirada de documentação brasileira, bem como acompanhamento em consultas e exames médicos para os alunos e outros árabes que ainda não dominam o nosso idioma.

Para este artigo, realizamos uma pesquisa de campo entrevistando os integrantes do projeto após as aulas ao longo do mês de junho de 2023. Participaram das entrevistas uma amostra de 14 pessoas: 10 adultos (incluindo Estevão e Esther) e 4 crianças. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas individuais (e em alguns casos em dupla, quando a compreensão de português do entrevistado ainda não era suficiente para responder às perguntas sozinho). O objetivo era permitir que os interlocutores compartilhassem sua experiência de aprendizado do nosso idioma e a diferença que isso tem feito em suas vidas. Aproveitamos para perguntar qual a razão de terem escolhido Foz do Iguaçu como destino de migração (ou Ciudad del Este, no caso de duas alunas que residem no Paraguai).

Além das entrevistas, tiveram papel fundamental nesta pesquisa a observação participante, as conversas informais e as muitas visitas e refeições compartilhadas

com os árabes desde que iniciei o trabalho no projeto em julho de 2022. Esses encontros me ajudaram a conhecer os costumes, a cultura, a religião e até os dramas de algumas famílias.

A seguir, temos a síntese desse levantamento:

- Em resposta à pergunta do *porquê escolheram a Tríplice Fronteira para morar*, 9 dos 10 adultos relataram que vieram porque já tinham familiares ou amigos na região. A outra adulta, uma síria, relatou que veio por conta da guerra, e que optou por ficar aqui devido ao fato de já existir uma comunidade árabe local bem estabelecida. Das crianças entrevistadas, duas nasceram no Brasil e são filhos de pais libaneses, e duas sírias nasceram em seu país.
- Quando questionados se tiveram algum contato com a língua portuguesa antes de vir para o Brasil, todos os participantes disseram que não.
- As respostas às questões: “Há quanto tempo está no Brasil”, “Como foi chegar no nosso país sem falar a nossa língua” e “Como o projeto tem ajudado no processo de aquisição do idioma”, tiveram respostas diversas e segue abaixo o registro de algumas delas.

Para a empreendedora libanesa Ana, a chegada na Tríplice Fronteira foi muito difícil. Ela morou no Paraguai por sete anos e agora vive no Brasil há mais sete, e relata: *“eu ficava estressada e dava vontade de chorar. Parecia que todos aqui falavam muito rápido e sem pausa. Levou mais ou menos um ano para eu começar a entender o que as pessoas diziam”*. Sua compatriota Ezer é contadora, e também veio para o Brasil acompanhando o marido que trabalha aqui. Para ela, que há 11 anos reside em Foz, estar em um local com muitos árabes ajudou a superar a dificuldade inicial com o idioma, e considera que o curso a ajudou muito a desenvolver-se na gramática do português, para falar corretamente como ela desejava. Na casa de Ezer, os filhos pequenos conversam com ela e o marido em árabe, mas como já nasceram no Brasil, conversam entre si em português.

A economista síria Sara morou no Brasil por 10 anos e há um ano está em Ciudad del Este. Ela contou que veio para cá porque a família do marido já morava aqui, e que quando saía com os amigos deles, *“só o corpo estava lá, a cabeça estava em outro lugar. Não dava pra entender nada”*. Assim como ela, sua conterrânea Graça morou no Brasil por seis anos e há nove vive do outro lado da Fronteira, no Paraguai. Ela relata que não conseguiu aprender português enquanto viveu aqui, e foi morando num condomínio lá em Ciudad del Este com muitos vizinhos brasileiros que ela conseguiu se desenvolver no idioma. Ela chorou e emocionou a todos na entrega dos certificados no projeto, dizendo que se sentiu tão acolhida pela equipe e pelo casal Estevão e Esther, que pela primeira vez em todo esse tempo aqui ela não desejava mais voltar para a Síria.

Para Hirão e Hazor, ambos libaneses, os brasileiros e os árabes que residem aqui ajudam muito, e encorajam no aprendizado da língua. Hirão é comerciante e vive em Foz há quatro anos, mas precisou ser ajudado por Ezer para compreender as perguntas da entrevista, às quais respondeu em árabe, para que a colega de turma

traduzisse. Mesmo com tanto tempo, ele demonstra mais dificuldade no aprendizado da língua, e a interação constante com árabes ao invés de brasileiros dificulta um pouco no processo de aprendizagem. Já Hazor está aqui há um ano e meio. Ele lembra que na chegada tudo foi “*muito estranho*”, e justifica: “*o mais difícil era o medo de me perder, de não chegar nos lugares por que eu não sabia me comunicar*”. O jovem também precisou da ajuda de Estevão para traduzir a entrevista. Hoje ele compreende melhor o português, mas ainda não conversa com autonomia no nosso idioma.

Já as crianças se saem melhor nessa empreitada de adaptação e aprendizado da língua portuguesa. A pequena Lídia, de 12 anos, nasceu na Síria e veio para cá há pouco mais de um ano. O pai dela deixou o país em meio à guerra e veio tentar a vida no Brasil oito anos antes. A esposa, a mãe e os três filhos pequenos ficaram para trás na Síria até ele conseguir se estabilizar aqui e trazê-los no ano passado. Lembro-me de quando vi Lídia recém-chegada à Foz, em 2022, com seus olhinhos transmitindo insegurança e ansiedade. Ela ficava angustiada por não conseguir se comunicar, e hoje a moça lembra que na escola davam para ela um *tablet* com o *Google* tradutor, onde ela falava e o aplicativo traduzia para os professores. Agora, bem mais avançada no português, ela já compreende quase tudo o que falamos e é a tradutora oficial da casa sempre que está na companhia da mãe, da avó e dos dois irmãos mais novos que vivem com ela. Ainda assim, ela desabafou: “*a coisa mais difícil é fazer amigos, não saber expressar o que você quer e não saber o que eles falam de você*”.

Das quatro crianças entrevistada, três disseram gostar de aprender a ler e escrever em árabe, e todas conversam em casa com os pais nesse idioma. Só uma das crianças expressou não gostar tanto da alfabetização em árabe pois prefere se comunicar em português. Perguntados por que eles achavam importante aprender a ler e escrever na própria língua, o pequeno Abel disse: “*para a gente falar com as pessoas dos outros países, e para ler cartas e mensagens que eles nos mandam*”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, fica claro que tanto o Brasil quanto Foz do Iguaçu tornaram-se um dos principais destinos da diáspora árabe pelo mundo, e que a presença significativa dessa comunidade por aqui não apenas modifica a paisagem – seja pela presença de elementos característicos de sua arquitetura, instituições, comércio e elementos simbólicos – como também é moldada por ela, num processo de construção e reconstrução de práticas e interpretações coletivas que exprimem o processo de transculturação de que falamos anteriormente.

Em que pese as distintas circunstâncias que motivaram a vinda dos imigrantes árabes, seja a fuga da guerra ou a busca de melhores oportunidades de trabalho e qualidade de vida, é certo que todos eles, bem como todos nós que convivemos com eles tão de perto, cruzamos algumas fronteiras antes delimitadas por pré-conceitos e construções historicamente estereotipadas por ambos os lados dessa relação.

Ainda há um caminho longo a ser trilhado internamente (dentro de nós mesmos) e externamente, em políticas públicas e ações de acolhimento diversas

para que possamos de fato perceber uma integração maior entre brasileiros e árabes (bem como paraguaios, no lado de lá da Fronteira). Constantemente me perguntam como é viver entre os árabes e como eles são, e digo sempre que no fim das contas, todo mundo é igual: árabes, brasileiros, ocidentais, orientais, todos, indistintamente, sofrem, amam, choram, se preocupam e estão em busca de encontrar algo que dê sentido às suas vidas. Cada um faz isso à sua maneira, que não é necessariamente pior nem melhor que a do outro – ainda que seja, definitivamente, bastante diferente em alguns casos. Mas se quisermos nos dar o trabalho de olhar nos olhos do outro com empatia, nos colocando no lugar dele, talvez encontremos naquele olhar um espelho que reflete muito mais de nós mesmos do que imaginamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acolhimento de pessoas refugiadas e migrantes em Foz do Iguaçu é destaque em relatório da ONU. Prefeitura Municipal de Foz do Iguaçu, 2023. Disponível em: <<https://www5.pmfi.pr.gov.br/noticia.php?id=51851>>. Acesso em 17 jul. 2023.

ANDRADE, Marcelle Ferreira de Araujo. Islã em Foz do Iguaçu: notas etnográficas sobre a religião. 47 páginas. Trabalho de conclusão de curso. Graduação em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana. Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2017.

Brasil é o maior exportador de comida halal no mundo. Jornal de Beltrão, 2021. Disponível em: <<https://jornaldebeltroao.com.br/negocios/brasil-e-o-maior-exportador-de-comida-halal-no-mundo/>>. Acesso em 17 jul. 2023.

“Brasil é acolhedor, mas ainda falta estrutura forte”, diz representante do Acnur no Brasil. R7, 2015 Disponível em: <<https://noticias.r7.com/internacional/brasil-e-acolhedor-mas-ainda-falta-estrutura-forte-diz-representante-do-acnur-no-brasil-20062015>>. Acesso em 17 jul. 2023.

Brasil reconheceu mais de 65 mil pessoas como refugiadas até 2022. ACNUR, 2023. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/2023/06/20/brasil-reconheceu-mais-de-65-mil-pessoas-como-refugiadas-ate-2022/>>. Acesso em 17 jul. 2023.

CARDOZO, Poliana. A imigração árabe em Foz do Iguaçu: conservando sua cultura através de suas instituições representativas. In: Santos, Carlos Honorato. (Org.). Organizações e Turismo. 1a.ed.Caxias do Sul: Educs, 2004.

CARLOTO, Denis Ricardo e GIL FILHO, Sylvio Fausto. O espaço de representação da comunidade árabe-muçulmana de Foz do Iguaçu-PR e Londrina-PR: da diáspora à multiterritorialidade. Curitiba, 2007.

DA SILVA, Anaxsuell Fernando. Entre el racismo epistémico y el racismo religioso: creencias, devociones y saberes de los afrodescendientes en la triple frontera. Perspectivas Revista de Ciencias Sociales, ano 6, nº.11, p.118-149, 2021.

DOMINGUES, André Ricardo. Gastronomia árabe: patrimônio cultural de Foz do Iguaçu. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, 2015.

Dados sobre refúgio no Brasil. Disponível em: <<https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/dados-sobre-refugio-no-brasil/>>. Acesso em 17 jul. 2023.

Federação das Associações Muçulmanas está consolidada no Brasil. *Diplomacia Business*, 2022. Disponível em: <<https://www.diplomaciabusiness.com/federacao-das-associacoes-muculmanas-esta-consolidada-no-brasil/>>. Acesso em 18 jul. 2023.

Foz do Iguaçu reúne a maior parte de muçulmanos que vivem no Brasil. Portal da Cidade Foz do Iguaçu, 2015. Disponível em: <<https://foz.portaldacidade.com/noticias/policial/foz-do-iguacu-reune-a-maior-parte-de-muculmanos-que-vivem-no-brasil#>>. Acesso em 17 jul. 2023.

GARRISON, David. *Um vento na casa do Islã*. Curitiba: Esperança, 2016

HAESBAERT, Rogério e SANTA BÁRBARA, M. de J. Identidade e migração em áreas transfronteiriças. *GEOgraphia*, 3(5), 33-46. 2009.

O Brasil dos refugiados. *Revista Piauí*, 2022. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/o-brasil-dos-refugiados/>>. Acesso em 17 jul. 2023.

ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo cubano del Tabaco y el Azúcar*. Caracas: Fundacion Biblioteca Ayacuch, 1987.

Paraná é o maior exportador do mundo de carne halal. Portal Sou Agro, 2022. Disponível em: <<https://souagro.net/noticia/2022/04/parana-e-o-maior-exportador-do-mundo-de-carne-halal/>>. Acesso em 17 jul. 2023.

Pesquisador fala sobre a comunidade árabe na Tríplice Fronteira. UNILA, 2021. Disponível em: <<https://portal.unila.edu.br/noticias/pesquisador-fala-sobre-a-comunidade-arabe-na-triplice-fronteira#:~:text=%E2%80%9COs%20libaneses%20t%C3%AAm%20experi%C3%AAn%20em,dos%20libaneses%20de%20seu%20pa%C3%ADs>>. Acesso em 17 jul. 2023.

PIMENTEL, Fagner Barbosa. *Gastronomia em Foz do Iguaçu como ferramenta de integração através da interculturalidade*. UNILA. Foz do Iguaçu, 2017.

Presença árabe em Foz do Iguaçu. *Tem Cidades*, 2022. Disponível em: <<https://temcidades.com.br/presenca-arabe-em-foz-do-iguacu/>>. Acesso em 17 jul. 2023.

VALENZUELA ARCE, José Manuel (coordenador). *Transfronteras: fronteras del mundo y procesos culturales*. Tijuana: El Colegio de la Frontera Norte, 2014.